

AS GRANDES HISTÓRIAS DA MITOLOGIA GRECO-ROMANA

COLEÇÃO 64 PÁGINAS

R\$ 3,00

A.S. FRANCHINI



L&PM POCKET

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A.S. FRANCHINI

**AS GRANDES HISTÓRIAS DA
MITOLOGIA GRECO-ROMANA**

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

O NASCIMENTO DE CRONOS

Houve um tempo muito antigo, no qual só existia o Caos. Depois dele, surgiram os deuses, dos quais Urano (o Céu) e Gaia (a Terra) eram supremos.

Um dia Urano decidiu ter sua própria descendência e uniu-se a Gaia para criar os Titãs. Mas logo se arrependeu da ideia, com receio de ver-se deposto pelos filhos.

– Aqui mando eu e ninguém mais! – dizia ele o tempo todo, e, para que as coisas continuassem assim, decidiu encerrar os Titãs em uma caverna tão logo nascessem.

A caverna era o ventre da própria esposa, que era a Terra.

Um a um os Titãs foram sendo aprisionados nas profundezas da Terra, até que um dia a deusa cansou do negócio e resolveu pedir socorro a Cronos:

– Livre-me da tirania do seu pai e lhe darei o governo do mundo! – disse ela, em prantos.

O filho mais jovem de Gaia adorou a ideia, especialmente a segunda parte.

– Diga o que devo fazer, minha mãe! – exclamou o jovem, entusiasmado.

A Terra, animada, lhe deu, então, uma enorme foice de diamante, que Cronos apanhou sem dizer uma única palavra. No mesmo dia foi ter ao local onde o pai descansava, que era no céu, e, vendo-o adormecido, aproveitou a ocasião para enterrar-lhe a foice no baixo-ventre.

Ao sentir a dor terrível, Urano lançou um grito pavoroso que ecoou por todo o universo.

– Quem ousou levantar a mão contra o senhor do universo? – gritou ele, esvaindo-se em sangue, enquanto suas partes genitais rodopiavam no ar antes de irem cair no oceano.

O céu cobriu-se de vermelho, e Urano não tardou a morrer, para alívio de Gaia e de seu obediente filho.

– Obrigada, meu adorado! – disse a mãe, enternecida.

E foi assim que Cronos, após ter libertado os irmãos Titãs das profundezas da Terra, tornou-se o novo senhor do universo.

O NASCIMENTO DE ZEUS

Cronos era um dos Titãs criados por Urano e Gaia. Ele destronara o pai Urano após mutilá-lo com uma foice de diamante, libertando depois os irmãos aprisionados no ventre da Terra. Desde então, Cronos tornara-se o senhor do universo.

– Aqui mando eu e ninguém mais! – dizia ele, repetindo as palavras do pai.

Cronos era casado com Reia, também da raça dos Titãs, e tudo correu bem até o dia em que a esposa lhe anunciou que estava esperando um filho. Cronos ficou possesso e exclamou:

– Filhos são traidores! Quando a criança nascer, entregue-a para mim, entendeu?

Reia obedeceu, e assim que a criança nasceu – uma linda menina chamada Hera – Cronos tomou-a nas mãos e simplesmente engoliu-a.

Outros filhos foram nascendo, e Cronos continuou a devorá-los, até chegar a vez do quinto filho, chamado Zeus. Mas dessa vez Reia entregou-o a uma ninfa, dando ao esposo uma

pedra enrolada num manto. Cronos engoliu a mentira, e Zeus cresceu rápido nas cavernas do monte Egeu, na ilha de Creta, até que um dia uma águia mandada por sua mãe lhe ordenou que voltasse para libertar os irmãos.

Zeus tomou o raio na mão e partiu para casa. No caminho, conheceu Métis, a filha do Oceano, que lhe deu uma erva mágica para que ele a ministrasse a seu pai.

Ao chegar ao palácio de Cronos, Zeus disfarçou-se de criado e serviu ao pai a poção mágica. No mesmo instante o velho Titã regurgitou, um por um, os cinco filhos que engolira – Hera, Poseidon, Hades, Héstita e Deméter –, além da pedra, é claro.

– E agora desapareça daqui! – gritou Zeus ao pai, de raio em punho.

Cronos tentou reagir, mas ao ver os deuses sedentos de vingança preferiu fugir e ir buscar asilo junto aos irmãos Titãs.

– Ainda ouvirão falar em mim, malditos! – disse ele, antes de partir.

E foi assim que Zeus tornou-se o novo soberano do mundo.

A GUERRA DOS TITÃS

A Guerra dos Titãs foi travada entre os deuses do Olimpo, comandados por Zeus, e os Titãs, comandados por Cronos.

Zeus era filho de Cronos e o depusera após uma rebelião. Cronos, inconformado, fora procurar auxílio entre os seus irmãos Titãs para recuperar a supremacia do mundo.

O quartel-general dos deuses ficava no monte Olimpo, enquanto o dos Titãs ficava no monte Ótris, até o dia em que as duas forças saíram dos esconderijos e foram medir forças a céu aberto. Zeus e seus pares despejaram raios dos céus, enquanto os Titãs arremessaram montanhas contra os deuses, até o instante em que todos se engalfinharam num corpo a corpo mortal. Quando isso aconteceu, a terra tremeu, o mar ferveu, e por cima deles o céu se tornou negro e fuliginoso.

No começo, os Titãs pareceram levar vantagem, e Zeus, temendo pela derrota, decidiu libertar das profundezas da Terra os Ciclopes, monstros ferreiros de um único olho, e os Hecatônquiros, gigantes de cem braços e cinquenta cabeças que Cronos havia aprisionado sob o monte Tártaro.

Poseidon, deus dos mares, fincou sobre a base do monte o poderoso tridente, e o chão se abriu, fazendo com que um vapor negro subisse, tornando o céu ainda mais negro.

Cronos e os Titãs empalideceram ao verem aquelas figuras medonhas irem juntar-se aos deuses.

– É o nosso fim! – bradou Atlas, um dos Titãs.

Enquanto os Hecatônquiros devastavam as hostes titânicas, os Ciclopes fabricavam armas utilíssimas para os deuses, como o raio de Zeus, o tridente de Poseidon e o capacete da invisibilidade de Hades.

E foi assim que a guerra terminou com a vitória dos Olímpicos. Quanto aos Titãs, Zeus encerrou-os outra vez no interior da Terra, seguindo o exemplo do que o avô Urano fizera com eles na Antiguidade.

O NASCIMENTO DE AFRODITE

Quando Cronos matou o pai Urano com um golpe de foice, mal podia imaginar que estava provocando também o nascimento da mais bela criatura de todo o universo. Após sofrer o golpe cruel, a genitália de Urano despencara céu abaixo, mergulhando no mar que circundava a ilha de Chipre. As águas tornaram-se rubras e ferventes por vários dias, despertando a atenção das ninfas que habitavam a ilha.

– Vejam, irmãs! – gritou uma delas. – O mar parece prestes a parir algo!

O mar continuava a borbulhar, embora não estivesse mais a ferver, e suas águas haviam adquirido uma tonalidade rósea e agradável, parecendo uma gigantesca taça de vinho rosê.

Uma espuma alvíssima como uma renda sobrenadava ao redor de um grande redemoinho, remetendo à ilha um perfume inebriante que fazia as narinas rosadas das ninfas fremirem de deleite.

Então, da fenda que se fizera no mar, emergiu uma concha enorme, que aos poucos se abriu, revelando no seu interior uma mulher belíssima e inteiramente despida.

As ninfas pasmaram para aquela beleza, que colocava a delas em segundo plano: tudo nela era perfeito, desde as unhas cristalinas dos pés até os cabelos dourados e esvoaçantes como finíssimos raios de sol.

Empurrada de leve por uma escolta de golfinhos, a concha foi depositada nas areias alvas da praia. Um instante depois, a deusa colocou o pé para fora, pisando no solo, e no mesmo momento uma relva esmeraldina cobriu toda a ilha, enfeitada por um manto de flores de todas as cores.

Então, ao ser indagada quem era, ela respondeu com uma voz que parecia saída da flauta do deus Pan:

– Sou Afrodite, a deusa do amor.

E, desde então, deuses e homens passaram a desfrutar da companhia da mais bela das deusas.

APOLO E A SERPENTE PÍTON

Apolo, às vezes chamado de Febo, é o deus do sol, e uma de suas maiores aventuras diz respeito ao duelo que travou com a serpente gigante Píton.

Tudo começou no dia em que a mãe do deus, chamada Leto, engravidou de Zeus. A notícia chegou logo aos ouvidos de Hera, e a enciumada esposa do pai dos deuses tratou logo de vingar-se:

– Expulse e persiga esta maldita até os confins da Terra! – disse ela à serpente.

Píton era filha de Gaia e gostava muito de espalhar a morte e a destruição por onde passava. Assim, foi com infinito prazer que se lançou em perseguição à Leto.

Leto estava grávida, o que dificultou a sua fuga, mas como ninguém lhe dava abrigo por medo de se indispor com Hera, ela percorreu meio mundo sem parar, até alcançar a ilha de Delos. Felizmente naquela ilha vivia Ilícia, deusa dos partos, que se apiedou da jovem e

resolveu ajudá-la a parir. Para surpresa de ambas, porém, saíram do ventre não uma, mas duas crianças.

– Veja, Leto! – disse Ilícia. – É um lindo casalzinho!

O garoto se chamou Apolo, e a menina, Artemis. Eram duas crianças tão belas que Leto sentiu-se como se tivesse nos braços o sol e a lua (o que não deixava de ser verdade, pois, em termos mitológicos, Apolo representa o sol, e Artemis, a lua).

Quando Apolo cresceu, decidiu vingar sua mãe e partiu para o monte Parnaso, em Delfos, onde ficava o covil da serpente. Ao chegar à entrada da caverna, ele lançou um brado de desafio e então, como se uma gigantesca língua tivesse saído da boca da caverna, Píton surgiu, cuspidando fogo em todas as direções. Apolo colocou três flechas ao mesmo tempo no arco e disparou. Cada uma delas tomou uma direção diferente: a primeira atingiu o olho direito da víbora, a segunda entrou-lhe pela boca, e a última enterrou-se no peito desprovido de escamas, liquidando com sua vida.

E foi assim que Apolo derrotou Píton, instituindo no local o famoso oráculo de Delfos.

HERMES E O FURTO DOS BOIS

Hermes era filho de Zeus e da ninfa Maia. Dentre tantas outras coisas, ele era mensageiro de Zeus e encarregado de conduzir os mortos ao Hades, que era o mundo dos mortos.

Hermes era padroeiro dos ladrões e dos comerciantes, e diz-se que uma de suas primeiras façanhas foi enganar Apolo. Depois de descobrir onde o deus solar guardava os rebanhos, Hermes se dirigiu para lá num voo veloz, graças às suas sandálias aladas. Aproveitando que Apolo não estava, pegou suas cinquenta reses e as levou consigo até o Peloponeso. Como era muito esperto, amarrou uma vassoura de ramos na cauda de cada animal, a fim de apagar-lhes o rastro.

No caminho, porém, cruzou com um velho bisbilhoteiro, e Hermes, como bom deus dos ladrões, subornou-o para que não contasse a ninguém do furto.

– Fique tranquilo, não contarei a ninguém! – dissera o velho. – Não contarei a ninguém!

Mas Hermes não era bobo, e aquele segundo “não contarei a ninguém” lhe deu a certeza de que o velho iria denunciá-lo. Então, para garantir-se, retornou e fez cair um pedregulho sobre o velho.

Retomando sua fuga, Hermes chegou a uma caverna na região de Pilos. Ali, depois de matar uma das reses e fazer uma oferenda a Zeus, foi descansar. Ao acordar, porém, sentiu-se entediado e resolveu confeccionar uma lira, estendendo alguns nervos de boi ao longo do casco de uma tartaruga morta.

Hermes dedilhou a lira improvisada e assim esteve distraído o tédio até que, atraído pela música, Apolo encontrou o esconderijo das suas reses.

– Arrá! Aí está você, ladrãozinho!

Apolo também era filho de Zeus, e logo se estabeleceu o conflito entre os dois irmãos. Mas o que Apolo queria a esta altura era a lira que Hermes inventara. Então, fez uma proposta conciliatória:

– Dê-me a lira e pode ficar com as vacas.

Hermes aceitou na hora – afinal, era mais fácil fazer outra lira que arrumar outras cinquenta vacas –, e foi assim, na santa paz de Zeus, que se encerrou a disputa.

HEFESTOS, O DEUS DAS FORJAS

Hefestos era filho de Zeus e de Hera. Quando Hera descobriu que estava grávida do primeiro filho, ficou felicíssima e aguardou ansiosa o nascimento. Porém, quando Hefestos nasceu, a decepção foi completa: o garoto nascera peludo e com uma cor fuliginosa, e quando chorava os gritos chegavam a meter medo.

Convicta de que parira um monstro, Hera arremessou o filho no oceano, despertando a atenção de Eurínome, filha de Tétis e do Oceano, que morava com os pais nas profundezas do mar.

– Que ruído foi este? – disse ela à mãe.

A futura mãe de Aquiles também escutara o ruído e junto com a filha correu até onde estava o menino peludo. O pobrezinho estava se afogando, e Tétis, agarrando-o, subiu com ele até a superfície.

Tétis, ao contrário da verdadeira mãe, achou o bebê muito engraçadinho e decidiu criá-lo numa das cavernas da ilha de Lemnos. Desde então, Hefestos passava os dias metido nas cavernas da ilha, e até mesmo no interior dos vulcões, onde conheceu o fogo e a arte de forjar os metais.

Entre tantas obras, o deus das forjas fabricou um trono dourado para a sua mãe e foi pessoalmente ao Olimpo entregá-lo. Como mancava de uma perna, consequência da queda no oceano, todos por lá riram dele. Ao ver o trono dourado, Hera, porém, decidiu que o filho não era tão horrível assim e aceitou o presente, permanecendo sentada nele o dia inteiro. Mas à noite, ao tentar erguer-se, descobriu que não podia fazê-lo de jeito nenhum. Pediu socorro a todos, mas como ninguém conseguia removê-la dali, só restou pedir ajuda ao filho, autor da pirraça.

– Eu a libertarei – disse ele –, mas só depois que me pedir perdão e me der Afrodite em casamento.

– *Você*, casado com a mais bela das deusas? – disse Hera, incrédula.

– Mulheres preferem um marido rico a um marido bonito – respondeu Hefestos.

E foi assim que Hefestos, além de vingar-se da mãe, casou-se com a mulher mais bela do universo.

O NASCIMENTO DE ATENA

Gaia era mãe de Cronos e avó de Zeus. Um dia ela chamou o neto para lhe fazer uma advertência: a de que deveria abandonar Métis, a deusa com quem ele andava flertando.

– Cuide-se, pois do ventre desta megera sairá o seu rival!

– Métis é a deusa da Prudência – disse Zeus –, e do seu ventre não sairá mal algum.
– Pois, se não quiser se tornar o deus da Imprudência, trate de abandoná-la imediatamente!

– Está bem, vovó, tomarei cuidado – disse ele, e o seu jeito de tomar cuidado foi ir direto para os braços da amada.

O resultado foi que Métis engravidou, e Zeus finalmente conheceu o terror. No mesmo instante lembrou-se das desgraças que tinham ocorrido com o pai e com o avô quando ambos resolveram ser pais. Então, numa decisão drástica, seguiu o exemplo do velho Cronos e engoliu a amante.

– Não vou esperar que o traidor nasça! – disse ele, feliz da sua astúcia.

Tudo pareceu estar resolvido até o dia em que ele amanheceu com uma terrível dor de cabeça. Zeus tomou todas as poções que o deus Asclépio da medicina lhe receitara, mas a dor só fez aumentar.

Então Hefestos, o deus das forjas, foi chamado às pressas para abrir a cabeça de Zeus. Após tomar um martelo, vibrou-o sobre a cabeça do pai, e da rachadura surgiu uma cabeça com um elmo dourado.

– Zeus misericordioso! – bradou ele ao ver o resto da criatura sair inteira da rachadura.

O espanto aumentou ainda mais quando descobriu que se tratava de uma mulher. Após libertar-se da prisão craniana, a mulher-guerreira pulou para o chão e se apresentou ao pai.

– Sou Atena, deusa da sabedoria e das artes.

Só que Atena não usurpou jamais o mando de Zeus, como profetizara Gaia.

– A sua profecia era furada, vovó – disse o deus, divertido.

– Furada é a sua cabeça! – respondeu ela, e com essa réplica brilhante se encerrou o episódio do nascimento de Atena, que entre os romanos é chamada de Minerva.

POSEIDON, O SENHOR DOS MARES

Poseidon, ao nascer, fora engolido pelo seu pai Cronos e depois regurgitado junto com seus irmãos. Uma vez superado o trauma, ele se tornou um deus de forte personalidade, tendo tomado parte ativa na luta contra Cronos na famosa Guerra dos Titãs.

Apesar de ter recebido o domínio dos mares e dos oceanos, Poseidon estava sempre em disputa com os outros deuses, tendo disputado até mesmo contra Zeus, seu todo-poderoso irmão.

– Não lhe dei a maior porção do universo para governar? O que quer mais? – disse-lhe Zeus.

Mas Poseidon continuou intratável, até que Afrodite descobriu uma solução para o caso:

– Poseidon precisa de uma esposa.

No mesmo dia Zeus conversou com Nereu, uma das divindades aquáticas mais antigas da Terra, e fez com que ele cedesse Anfitrite, a mais bela das Nereidas, suas filhas.

Zeus avisou imediatamente o irmão de que Anfitrite o aguardava na ilha de Naxos, e ele foi até lá. Ao chegar ao local, viu as Nereidas espalhadas pelas pedras, mas, ao avistar uma

delas deitada sobre uma rocha longa e branca como um leito em alto-mar, teve a certeza de ser Anfítrite.

Poseidon encostou o carro puxado por golfinhos bem ao lado dela e comunicou-lhe sua intenção de tê-la por esposa. Mas, ao vê-lo com as barbas cobertas de mariscos, a jovem mergulhou de volta ao mar, deixando seu pretendente tão furioso que ele provocou maremotos por toda parte, obrigando Zeus a intimar Nereu para que revelasse o esconderijo da filha.

– Diga-lhe que ela será a rainha dos mares! – disse Zeus.

Diante desse argumento poderoso, Anfítrite cedeu, desde que o noivo se apresentasse com um melhor aspecto. O deus grunhiu, mas acabou concordando e, depois de limpar as barbas e perfumá-las com âmbar, foi ter novamente com ela.

Então, ao ver Poseidon asseado e sem aquele horroroso tridente, Anfítrite aceitou casar-se com ele, e foi a partir desse dia que o deus dos mares deixou de ser tão encrenqueiro.

O NASCIMENTO DE DIONÍSIO

Sêmele era filha de Cadmo e Harmonia e teve, certa feita, um caso com Zeus, o pai dos deuses. Ela era uma simples mortal e não se deu conta da imprudência que era meter-se com deuses.

Certo dia ela fez um comentário com sua criada sobre o seu romance, sem saber que ela era, na verdade, Hera, a esposa de Zeus disfarçada. Ao ver a traição confirmada, Hera decidiu vingar-se.

– Tem certeza de que este homem que a visita todas as noites é, de fato, Zeus? Eu mesma, minha senhora, fui mais de uma vez ludibriada por homens que me pareciam deuses.

– *Você*, amada por um deus?! Rá! Rá!

Apesar de estar fervendo de raiva, Hera voltou à carga:

– Peça-lhe uma prova de que ele é de fato quem diz.

– Ora, que prova melhor posso ter que a sua divina performance?

– Peça-lhe que se mostre em sua forma divina, e não humana.

– Está bem, abelhuda, eu farei isto.

– Mas antes deverá fazê-lo jurar pelo Estige que não lhe negará um pedido.

Hera sabia que um juramento em nome do Estige, um dos rios infernais, não podia ser violado nem mesmo por Zeus, e Sêmele caiu também nessa segunda rede.

Tudo se deu, então, como combinado, e na noite seguinte Sêmele pediu a sua prova de amor.

– Jure pelo Estige! – disse ela, antes de anunciar o pedido.

Zeus relutou, mas acabou fazendo o juramento.

– Muito bem! – disse ela. – Quero que se mostre em sua figura divina!

Zeus empalideceu terrivelmente, mas como ele já havia feito o juramento, só lhe restou fechar os olhos e assumir sua forma divina. Um feixe de luz saiu de dentro de si até convertê-lo numa bola de chamas, que emitia raios em todas as direções. Sêmele caiu fulminada, mas ao ver que ela trazia a semente de um filho no ventre, Zeus rapidamente tomou-a e a introduziu

em sua coxa.

E foi dessa semente que nasceu Dionísio, ou Baco, o deus do vinho e do êxtase.

A CORRIDA DE ATALANTA

Esqueneu, rei de Ciro, orgulhava-se de ter a filha mais veloz do mundo. Ela se chamava Atalanta e temia muito casar-se, pois um oráculo predissera que isso seria a sua ruína.

O assédio, porém, era tanto que o rei escondeu a filha nos campos, onde ela se tornou uma caçadora e corredora velocíssima. Ao mesmo tempo, estabeleceu uma punição para os cortejadores.

– Instituirei uma corrida entre você e os pretendentes – disse ele à filha. – O vencedor a tomará por esposa, mas, se perder, pagará a derrota com a vida.

Atalanta aplaudiu o arдил, e a corrida foi marcada para o mês seguinte. Na data marcada apareceram alguns corajosos, mas quando Atalanta desceu à arena e despiu-se inteira para melhor correr, mais cem pretendentes inscreveram-se às pressas para disputar o valioso prêmio.

Atalanta, inclinada e com o corpo reluzente de óleo, parecia uma estátua prestes a pular do pedestal, mas deixou de ser uma estátua quando o gongo soou e ela, como um raio, venceu a disputa.

Entre os juízes, entretanto, havia um jovem chamado Hipomene, que decidiu desafiar Atalanta para uma corrida que se daria somente entre eles dois, no dia seguinte.

A jovem aceitou o desafio, e na mesma noite Hipomene foi ao templo de Afrodite pedir a sua proteção. A deusa do amor atendeu-o, dando-lhe uma maçã de ouro do seu pomar.

– Jogue-a no chão durante a corrida e verá o que acontece – disse a deusa.

No dia seguinte, ao ser dada a largada, o jovem mostrou-se quase tão ágil quanto Atalanta, mas ela foi ainda mais rápida e logo se distanciou. Então Hipomene sacou a maçã e atirou-a à frente da rival, que, não conseguindo resistir à beleza dourada do pomo, abaixou-se para apanhá-lo.

Graças a isso, Hipomene venceu a disputa, mas como se esqueceu de agradecer a Afrodite pela ajuda, ela o induziu a amar Atalanta no templo de Reia, profanando-o. Como punição, ambos foram transformados numa parêlha de leões, que, desde então, puxa pelos céus o carro da deusa.

AS ASAS DE ÍCARO

Dédalo e seu filho Ícaro estavam presos em Creta, por ordem do rei Minos. Isso porque Dédalo, que construíra para o rei o seu famoso labirinto, incorrera na ira real ao fornecer para Ariadne o fio que ajudara Teseu a encontrar a saída da morada do Minotauro.

Certo dia Dédalo e o filho estavam no topo de um dos montes mais altos de Creta quando o construtor viu uma águia a voar, veloz, no azul do céu. No mesmo instante ele deu um grito

entusiasmado:

– Depressa, meu filho, junte todas as penas de aves que encontrar e volte correndo!

Ícaro obedeceu e não tardou a retornar. Dédalo havia feito uma grande armação de madeira e imediatamente começou a colar nela as penas que o filho trouxera.

– Pronto, aqui está! – disse o velho, envergando um enorme par de asas artificiais.

– Mas, meu pai... *isso realmente funcionará?* – gaguejou o jovem.

Dédalo respondeu atirando-se do alto do morro, pondo-se em seguida a voar ao redor do filho.

– Funciona! Funciona! – gritava Ícaro, aos pulos.

– Farei uma para você também, mas cuidado! – disse o velho, ao pousar. – Evite aproximar-se do sol para que a cera que prende as penas à armação não derreta!

Ícaro prometeu que tomaria cuidado, e quando ambos finalmente se lançaram aos céus tudo correu às mil maravilhas. Quando começaram a sobrevoar o oceano, porém, Ícaro empolgou-se e subiu demais, aproximando-se perigosamente do sol.

– Desça, filho, desça! – gritava Dédalo, aflito, mas Ícaro, nas alturas, não ouvia mais nada a não ser o assovio do vento e o ruflar das suas próprias asas.

Então, a certa altura, uma pena roçou-lhe o nariz e, logo em seguida, como se um travesseiro tivesse sido rasgado, viu-se envolvido por uma nuvem de penas soltas. Só então percebeu que sua armação se desfizera e que só lhe restava, agora, despencar para a morte nas águas revoltas do mar.

Mais tarde, seu corpo foi levado pelas ondas às margens de um local que Dédalo batizou de Icária, em homenagem a esse que foi o verdadeiro pai da aviação.

A QUEDA DE FAETONTE

Faetonte era o jovem filho do Sol (Hélios, em grego). Certo dia, numa disputa juvenil que travou contra um certo Epafo, ele garantiu ser capaz de conduzir o carro do Sol sem o auxílio do seu pai.

– Impossível! – disse o rival. – Ninguém dirige o carro solar a não ser Hélios!

– O filho dele dirige, sim!

– *Filho?* Pelo que ouço dizer, você nem filho dele é!

Faetonte ficou tão chocado com a revelação que foi tirar a dúvida com sua mãe, a ninfa Climene. Ela lhe garantiu que ele era filho de Hélios, mas Faetonte queria uma prova.

– Se ele for de fato meu pai, me deixará guiar o seu carro!

Faetonte foi até o palácio do pai, situado no extremo oriente do mundo. Tudo lá era tão dourado que ofuscava, e ao chegar ele foi logo dizendo a Hélios que queria ser o novo condutor do sol.

– É a única maneira que tenho de provar que sou realmente seu filho!

Faetonte estava tão determinado que Hélios deixou-o embarcar ali mesmo no seu carro, que a Aurora já estava retirando da garagem celestial. Dois corcéis de fogo estavam atrelados a ele e de suas narinas impacientes escapavam jatos de fogo como de dois maçaricos.

Num pulo, Faetonte meteu-se para dentro do carro, agarrando sofregamente as rédeas. Com um grito selvagem, ele chicoteou os corcéis e a carruagem disparou céu afora feito um foguete. Como a primeira parte da jornada se tratava de uma subida íngreme, Faetonte deu rédea solta aos cavalos, e o carro subiu tão rápido que em menos de uma hora o mundo todo ardia num meio-dia precoce.

De repente, porém, os cavalos rebelaram-se, e o carro despencou vertiginosamente. Faetonte, em pânico, puxou as rédeas, mas os corcéis não obedeciam, e o sol pôs-se a voar rente à Terra, fazendo com que cidades inteiras ardessem e os mares se evaporassem em cortinas imensas de vapor.

Então, Zeus, no Olimpo, vendo a catástrofe, lançou um raio sobre o jovem e ele foi arremessado no abismo, indo cair no rio Erídano, às margens do qual as ninfas ergueram um túmulo em sua homenagem.

O RAPTO DE GANIMEDES

Zeus tinha uma águia como sua ave de estimação. Fora ela que lhe levara o néctar que o alimentara durante o tempo em que esteve, ainda menino, escondido de seu pai Cronos, na ilha de Creta.

Mas os anos passaram, e quem lhe servia agora o néctar, nos salões do Olimpo, era sua filha Hebe. Um dia, porém, ela resvalou e caiu ao chão, derrubando a jarra com o precioso líquido. Zeus, enfurecido, demitiu-a e pediu à esposa, Hera, que assumisse as funções da filha-criada, mas ela sequer lhe respondeu, dando-lhe as costas junto com seu pavão de estimação, que também parecia ofendido.

– Mulheres! Cada vez mais intratáveis! – resmungou o deus.

Num lugar onde quase não havia problemas, aquele probleminha se converteu num problemão, e assim Zeus perdeu o sono diante da gravíssima questão de saber quem passaria a lhe servir o néctar.

Então, um dia, ao exercitar a sua distração predileta de espiar a Terra, Zeus avistou um jovem pastor. Imediatamente identificou nele um bom carregador de jarras e chamou com um assovio a sua águia de estimação. Como era o deus supremo de tudo, em vez de mandar um convite ao jovem para que viesse servi-lo, ordenou à sua mensageira que simplesmente o raptasse. Afinal de contas, qual reles mortal recusaria a honra suprema de servi-lo?

Acontece que o jovem não era qualquer um, mas o filho do rei de Tróada. A águia sabia muito bem disso, mas mesmo assim cumpriu com o seu dever de raptora e, após cravar as garras aduncas nos ombros delicados do príncipe-pastor, suspendeu-o aos céus e foi depositá-lo diante do trono de Zeus.

– Muito prazer, meu jovem – disse o deus. – A partir de hoje terás a honra de ser o meu novo criado.

Zeus ofereceu-lhe, além disso, o dom da imortalidade, o que pareceu ao jovem uma bela compensação.

– Está bem, eu aceito! – disse o filho do rei, entusiasmado.

E foi assim que Ganimedes deixou de ser um príncipe mortal para ser um eterno laçao.

O RAPTO DE EUROPA

Europa era a bela filha do rei Agenor, de Creta. Um dia Zeus a enxergou e, como de hábito, apaixonou-se perdidamente por ela. Mas havia, como sempre, o empecilho da sua ciumenta esposa.

– Hera está apertando o cerco cada vez mais! – disse ele a si mesmo.

Então, decidiu recorrer ao velho truque das metamorfoses. Mas no que ele se transformaria desta vez? Zeus já se fantasiara de quase tudo, desde um cisne até uma chuva de ouro, para enganar a esposa.

Então lhe veio a ideia de se metamorfosear num touro branco. Havia o risco de chamar a atenção – um touro branco, onde já se viu? –, mas, como deus supremo, ele não abria mão da originalidade, e foi sob essa forma que desceu à Terra para ir assediar Europa, o seu novo amor.

Zeus-touro misturou-se ao rebanho que Europa pastoreava à beira-mar – como a maioria dos filhos de rei, ela também era pastora –, até que, dali a pouco, a jovem chegou junto com um grupo de animadas pastoras. Europa destacava-se das amigas por sua beleza assim como Zeus-touro se destacava dos outros animais pela sua alvura. Ao ver o touro, a pastora-princesa correu alegremente até ele.

– Que mimoso, todo branquinho! – disse ela, pondo-se a alisar a sua alva cabeça, enquanto ele retribuía a carícia tentando erguer com os cornos a barra do vestido da jovem.

Europa riu candidamente da brejeirice do animal, enquanto fazia uma grinalda de flores para ornamentar-lhe os chifres. Depois, num pulo gracioso, montou no dorso do touro e deixou que ele a carregasse, num passo macio, pela orla da praia.

Foi um triunfo! As amigas de Europa cercaram-na e puseram-se a cantar e dançar feito bacantes, até o instante em que o touro, tomando o rumo do mar, converteu seu passo manso num trote veloz.

Europa agarrou-se aos cornos do seu raptor, enquanto gritava por socorro, mas já era tarde: Zeus enfiou-se mar adentro e levou-a para a ilha de Creta, onde ela se tornou rainha e mãe do famoso rei Minos.

ARGOS E IO

Certa feita, Zeus estava fazendo a coisa que mais adorava fazer, que era trair a esposa, Hera, com uma de suas inúmeras amantes. Desta vez a eleita era Io, filha de Ínaco, um deus-rio de pouca expressão. Zeus tomara o cuidado de colocar uma nuvem escura acima do local onde praticava a sua infidelidade, mas Hera desconfiou logo da coisa e foi ver o que havia por debaixo dela.

E não deu outra: de longe, avistou seu marido aos beijos com a jovem. Para sorte de Io,

porém, ela viu quando a deusa descia dos céus em seu carro, atravessando a nuvem.

– Pare, Zeus! Sua esposa está vindo! – gritou ela, tentando recompor-se.

O deus tomou tamanho susto que resolveu transformar a amante, às pressas, em uma novilha. Dali a pouco Hera chegou e foi logo gritando:

– O que está fazendo aqui parado ao lado de uma novilha? Virou vaqueiro, por acaso? Zeus riu exageradamente, tentando lisonjear o refinado senso de humor da esposa.

– Rá, rá! Esta foi boa, Hera querida!

– Quietos! Isto está me cheirando a outra das suas!

Zeus explicou que estava passando por ali quando encontrou aquela vaca extraviada.

– Ela é muito bonita, e pensava no que fazer com ela.

– Conhecendo-o bem, não me admiraria nada das suas intenções!

Zeus fingiu-se escandalizado e já ia retirando-se quando Hera anunciou que ficaria com a novilha.

– Ficar com ela? – disse o deus, atônito. – O que faremos com uma vaca no Olimpo?

Hera não respondeu, mas levou o animal e entregou-o à guarda de seu fiel criado Argos, que tinha exatos cem olhos. Com essa miríade de olhos, ele começou a vigiá-la noite e dia, mas, para a ventura de Io, Zeus ficou sabendo de tudo e encarregou seu filho Hermes de libertá-la.

Hermes mostrou-se mais eficiente que Argos e, depois de adormecer o guardião com o seu caduceu mágico, decepou-lhe a cabeça. Quando ela caiu no chão os cem olhos se espalharam; e Hera, no dia seguinte, para homenagear o infeliz guardião, espalhou-os sobre a cauda do seu pavão de estimação.

IO E A MOSCA

Io era filha de Ínaco, um modesto deus-rio. Certa feita ela tivera um caso extraconjugal com Zeus e vira-se metamorfoseada por ele em uma novilha, momentos antes que a enciumada esposa dele surgisse para flagrá-los. Hera, porém, se fizera de inocente e resolvera levar a novilha para o Olimpo, onde a entregara à guarda de Argos, o seu fiel guardião de cem olhos.

Infelizmente, seus cem olhos não bastaram para livrá-lo de ter sua cabeça cortada pelo deus mensageiro, Hermes, que fora encarregado por Zeus de libertar a amante transformada em novilha.

Hera, desolada, recolhera os cem olhos de Argos e o homenageara espalhando-os sobre a cauda do seu pavão de estimação – episódio que só fez sua ira redobrar de intensidade. Assim, antes que Io tivesse tempo de recobrar a forma humana, Hera encarregou uma das Fúrias, nascida do sangue de Urano, de vingar a morte de Argos.

– Persiga esta vaca por toda a Terra, sem conceder-lhe descanso!

A Fúria transformou-se num tavão (um moscão horrendo, do tamanho de um pêssigo) e pôs-se a perseguir a novilha por toda a Grécia, picando-a em todas as partes do corpo. Com a língua de fora, Io correu sem parar até ultrapassar as fronteiras da Grécia, cruzando o estreito de Bósforo e indo meter-se depois pelos desertos do Egito, onde finalmente desabou exaurida.

Io vergou as patas dianteiras e lançou aos céus escaldantes um mugido de agonia ao sentir nos flancos a milésima picada da mosca gigante.

– Zeus misericordioso, socorre-me! – clamou ela. No mesmo instante seu corpo readquiriu a antiga forma, pois Zeus conseguira convencer a esposa a colocar um ponto final na perseguição insana.

Hera desfez o feitiço, mas Io, por via das dúvidas, nunca mais voltou a colocar os pés na Grécia, preferindo instalar-se às margens do Nilo, onde, dizem alguns, se transformou na deusa Ísis dos egípcios, ou na deusa Háthor, já que esta tinha a mesma aparência de Io dos seus dias de infortúnio.

O TOQUE DE MIDAS

Certa feita Sileno, o velho pai adotivo e beberrão de Dionísio, perdera-se pelos caminhos e fora recolhido no palácio do rei Midas. Quando o rei o devolveu a Dionísio, o deus das vinhas lhe concedeu um pedido, em agradecimento, e Midas não pensou duas vezes:

– Quero que tudo que eu toque se transforme em ouro.

Dionísio objetou que não era uma boa escolha, mas o rei insistiu, pois só assim teria a certeza de que jamais lhe faltaria a coisa que ele mais amava na vida.

Com um suspiro de resignação, Dionísio concedeu, então, o pedido, e Midas, felicíssimo, avançou para lhe dar um abraço de gratidão.

– Vá, meu amigo, e que o ouro lhe seja leve – disse o deus, esquivando-se.

Ao retornar, Midas testou o seu dom, tocando numa árvore. No mesmo instante ela tornou-se toda de ouro. Até mesmo as folhas eram douradas, e seu farfalhar metálico soou como música aos seus ouvidos.

Ao chegar a sua casa, foi correndo se banquetear. Ao tomar o garfo, ele ficou todo dourado. Com a faca aconteceu o mesmo, e até o guardanapo se transformou numa placa de ouro.

Empolgando-se, Midas tomou nas mãos o pernil, mas ao metê-lo nos dentes sentiu um deles trincar-se, e ao tocá-lo, ele e os demais se transformaram em dentes de ouro.

Neste instante a sua esposa chegou. Os cabelos estavam molhados. Não chovia.

– Que sorriso amarelo é este? – foi logo dizendo.

– Abrace-me, adorada! A partir de hoje nadaremos em ouro!

Ao soltá-la, porém, viu que a rainha adorada se transformara em rainha dourada. Só então seu coração conheceu o terror. Sedento de angústia, agarrou uma jarra e empinou-a. Mas o vinho se transformara em ouro líquido e lhe desceu pela garganta como chumbo gelado.

Apavorado, ele pediu a Dionísio que o libertasse da maldição. O deus, penalizado, lhe indicou um rio, onde ele deveria mergulhar. O rei atirou-se de ponta cabeça e quando emergiu estava liberto.

Depois disso, Midas largou tudo e foi morar no mato, feito bicho, junto com o deus Pã.

O CASTIGO DE TÂNTALO

Tântalo era rei da Lídia e filho de Zeus. Certo dia ele resolveu homenagear seu poderoso pai com um banquete, pois esperava que o deus lhe concedesse o dom da imortalidade.

Além de Zeus, viriam Hermes e Deméter, e Tântalo estava aflito, sem saber que prato ofertar-lhes, até que se lembrou do seu filho Pélope. Imediatamente chamou o cozinheiro e ordenou-lhe que fosse aos aposentos onde o príncipe real estava.

– Mate-o. Depois pique-o bem e ferva-o numa panela.

Naquele tempo ainda se praticavam sacrifícios humanos na Lídia, associados à prática do canibalismo ritual, e Tântalo achou que oferecer seu filho a Zeus seria a melhor maneira de honrá-lo.

Dali a pouco os convidados chegaram, e Tântalo instalou-os apressadamente à mesa.

“Destas vezes sai a imortalidade!”, pensou ele, ao ver surgir o panelão. Em meio a vagens e batatas boiavam os pedaços do pobre Pélope, e Deméter, esfomeada, provou logo um pedaço. Mas duas mastigadas depois contraiu a boca, enojada: aquilo tinha gosto horrível de ombro humano!

Logo uma cealeuma ergueu-se na mesa, obrigando Tântalo a revelar o conteúdo da panela.

– Seu monstro! Como ousa oferecer-me a carne do seu próprio filho? – esbravejou Zeus.

Tântalo invocou o sacrifício humano, mas Zeus mandou-o calar-se:

– Estúpido! Não sabe que esta prática insana já foi há muito tempo abolida?

Cloto, uma das Parcas, foi chamada às pressas e ressuscitou Pélope. Quanto ao ombro do garoto, que fora ingerido por Deméter, foi substituído por um novo de marfim, que Hefestos confeccionou.

Tântalo, por sua vez, foi enviado ao Tártaro. Ali, torturado por uma sede atroz, foi lançado a um lago onde as águas desciam até secarem quando ele tentava bebê-las. E, quando espichava a mão para pegar os frutos de uma árvore, um vento forte impelia os galhos para o alto, deixando-os fora do seu alcance.

E essa foi a imortalidade que Tântalo conquistou com sua estupidez bárbara.

HERO E LEANDRO

Hero era uma sacerdotisa de Afrodite que vivia na ilha de Sestos. Todas as noites ela subia ao topo do farol para avivar a chama que orientava os navegadores que percorriam o Helesponto, o estreito marítimo que separava a Europa da Ásia. Mas quem ela desejava orientar mesmo era Leandro, um jovem que morava em Abidos, do outro lado do estreito. Todas as noites ele atravessava o mar a nado só para vir visitá-la, e desta vez não foi diferente: Leandro nadava com firme determinação, subindo e descendo por entre as ondas que, naquela noite, ondulavam mansamente.

Hero desceu correndo as escadas do farol e foi recepcionar o amante nas areias da praia.

– Consegui, mais uma vez! – disse ele, feliz.

Hero, porém, tapou-lhe a boca, aflita.

– Por favor, não diga isso! Dá a impressão de que um dia, talvez, *não consiga!*

Leandro gargalhou confiante:

– Tolices! Sempre conseguirei!

Quando amanheceu, Leandro retornou a Abidos, deixando Hero inquieta. O dia prometia ser escaldante, e ela passou o restante dele contando as horas para que a noite chegasse. Quando ela chegou, porém, trouxe consigo uma terrível tempestade, fazendo com que Hero corresse para o farol a fim de avivar a lanterna que guiava os movimentos do amante em alto-mar. Mas, ao chegar ao topo, uma onda gigante espatifou a lanterna, jogando-a ao chão. No mesmo instante, alguns quilômetros mar adentro, Leandro dava suas últimas braçadas antes de afundar para a morte.

Hero passou a noite em agonia e quando amanheceu avistou do alto um corpo que as ondas haviam lançado sobre a praia. Desatinada, ela correu em sua direção e tomou-o nos braços.

– Fui eu a culpada! Atraí a desgraça ao lhe prever o pior! Afrodite despreza os temerosos!

Hero devolveu ao mar o corpo de Leandro, que nada tinha de temeroso. Depois subiu novamente ao topo do farol e, com a mesma audácia do amante, lançou-se ao abismo infinito do mar.

ECO E NARCISO

Eco era uma das ninfas do séquito de Artemis e adorava falar pelos cotovelos. Certo dia, resolveu servir de alcoviteira para as escapadas de Zeus, que andava de caso com uma das ninfas do bosque. Eco distraiu Hera, a esposa ciumenta do deus, quando ela surgiu de repente para dar uma “incerta”, lançando sobre a deusa uma de suas conversas longas e estafantes.

Hera suportou até onde pôde a enxurrada verbal, repleta de afluentes e subafluentes, até que explodiu:

– Basta, tagarela! Pensa que não sei que está protegendo aquele traidor?

Então, para punir a ninfa, lançou sobre ela um terrível castigo:

– A partir de hoje só poderá falar as últimas palavras que escutar!

Eco, involuntariamente, repetiu:

– *...que escutar, escutar, escutar...*

Hera deu uma gargalhada perversa:

– Adeus, sua idiota!

– *...sua idiota, idiota, idiota...*

Eco, de algum modo, consolou-se com o seu infortúnio, pois podia, ao menos, responder à altura.

Então, após errar muito tempo em solidão, avistou um jovem chamado Narciso. Ele era filho de um rio e de uma ninfa, e insuportavelmente vaidoso. Eco apaixonou-se perdidamente por ele (ou pela beleza dele) e passou a segui-lo, escondida, até que, certa feita, quando Narciso reclinar-se sobre um regato para admirar-se pela milésima vez, ele escutou o ruído

dos passos da ninfa.

– Há mais alguém aqui? – disse ele, desviando o olhar, a muito custo, das águas.

– ...*alguém aqui... aqui... aqui...* – disse a jovem, estendendo os braços apaixonados para o jovem.

Narciso, porém, repeliu-a brutalmente:

– Deixe-me, nojenta! Não quero o seu amor!

– ...*quero o seu amor... amor... amor...*

Mas Narciso fugiu, e Eco ficou tão desgostosa que se meteu numa caverna e ali ficou até desaparecer, só restando de si o eco melancólico dos sons exteriores, que continua a repetir até hoje.

JASÃO E OS TOUROS DA CÓLQUIDA

Jasão foi o herói que liderou a expedição dos Argonautas para resgatar o Tosão de Ouro – o pelo de uma ovelha feito de fios de ouro. O desfecho deu-se na Cólquida, lugar onde a relíquia estava escondida.

Ao se aproximarem da costa, os heróis foram atacados por uma nuvem de aves que disparavam setas, e só depois de abatê-las é que puderam desembarcar. Mas o rei Etes impôs uma condição para que Jasão se apoderasse do Tosão: que ele arasse um campo com dois touros do seu rebanho. Jasão sorriu da facilidade da prova, mas foi advertido pela filha de Etes de que a coisa não seria tão fácil assim.

– Os touros cospem fogo e têm cascos de bronze – disse a princesa, chamada Medeia.

Medeia, além de princesa, era feiticeira, e deu um elixir fedorento para Jasão passar no corpo a fim de se tornar invulnerável. Mas havia outro problema: as sementes que ele deveria plantar eram, na verdade, os dentes do dragão que Cadmo matara em outra aventura famosa entre os gregos.

– Tão logo os semeie, eles se converterão em soldados-répteis ávidos por estraçalhá-lo – disse Medeia. – Imole um carneiro preto à deusa noturna Hécate e depois jogue uma pedra na cabeça de um dos soldados. Eles são tão estúpidos que se farão em pedaços, deixando-o em paz.

Jasão já se perguntava se Medeia não seria mais perigosa que o próprio pai quando ela lhe ordenou que fosse fazer suas oferendas à Hécate. Ele obedeceu, queimando-lhe um carneiro vivo, mas, quando escutou os uivos coligados de cem mil lobos, anunciadores da sua chegada, preferiu ir entender-se de uma vez com os touros e os soldados-dragões.

Felizmente, tudo correu como o previsto: graças ao elixir de Medeia, ele recebeu na cara um espirro de fogo de um dos touros, mas nada sofreu, aproveitando-se da perplexidade dos bichos para dar um murro na testa de cada um e aplicar-lhes o jugo de bronze.

E foi assim que Jasão pôde, enfim, arar o campo do rei.

Jasão chegara à Cólquida, última etapa da sua missão de apoderar-se do Tosão de Ouro, uma das relíquias mais famosas da Grécia. Junto com os Argonautas ele superara todos os obstáculos, dos quais o último fora o enfrentamento dos touros do rei Etes. (Ele tivera de arar um campo com dois touros furiosíssimos, e se saíra bem graças à ajuda de Medeia, a filha do rei.)

Mas faltava, ainda, semear o campo com os dentes do dragão que Cadmo abatera numa outra aventura famosa. Jasão, advertido por Medeia, sabia que ao tocarem o solo eles se converteriam em soldados-répteis enlouquecidos de ira. Valendo-se novamente da magia da princesa, ele conseguiu fazer com que os guerreiros estúpidos se matassem entre si, após lançar uma pedra na cabeça de um deles.

– Pronto, cumpri com a sua condição – disse Jasão ao rei. – Agora me dê o maldito Tosão!

Encurrulado pelos fatos, Etes deu autorização para que o Argonauta penetrasse no bosque onde estava guardada a relíquia. O que ele não disse, porém, é que um horrendo dragão a vigiava.

Jasão adentrou o bosque e ao dar o primeiro passo viu surgir Medeia, que o alertou sobre o dragão.

– Fique atrás de mim – disse o herói, sacando a espada, mas ela preferiu ficar ao seu lado, pois sabia que dragões e criaturas horrendas em geral também apreciavam muito atacar pelas costas.

Dali a pouco eles enxergaram a árvore onde o Tosão dourado estava dependurado. Banhado pela lua, ele esplendia. Outra coisa que esplendia eram as ventas descomunais do dragão, que já os enxergara. Um urro selvagem estremeceu todo o bosque, e Jasão compreendeu que era hora de agir.

– Dê-lhe esta poção! – disse Medeia, entregando-lhe uma pequena ânfora.

Jasão esperou a besta abrir a boca para urrar outra vez e jogou a ânfora narcotizante. Os dentes se fecharam e o bicho logo caiu inerte, pronto para receber no coração a lança mortal do Argonauta.

E foi assim que Jasão conquistou, enfim, o Tosão de Ouro.

O RAPTO DE PERSÉFONE

Hades era o deus dos infernos, mas isso não o impedia de, às vezes, dar uma voltinha pela Terra. Então, certa feita, quando passeava em sua carruagem puxada por cavalos-serpentes, foi avistado por Eros. O deus do amor implicava com Hades, e decidiu, por isso, alvejá-lo com uma de suas setas.

– Vamos dar um pouco de emoção a este rabugento! – disse Eros.

Hades sentiu uma fisgada no peito e seguiu adiante até avistar Perséfone, a belíssima filha de Deméter, deusa da fertilidade.

– Pelo Tártaro profundo! Ela é linda de morrer! – exclamou ele, mergulhando a toda velocidade.

Hades tomou a jovem nos braços e puxou-a para dentro do seu carro. Uma ninfa que estava por perto tentou detê-lo, mas ele a converteu numa fonte e, logo depois, com um golpe do seu tridente, abriu uma fenda no solo, mergulhando com sua bela presa para as profundezas da terra.

Deméter, diante do sumiço da filha, peregrinou pelo mundo em busca de notícias. Tanto andou que se descuidou da natureza, a ponto de ela quase morrer. Então, certo dia, ao sentar-se desanimada junto a uma fonte, enxergou na água o rosto da ninfa que Hades convertera em fonte, e ela lhe contou tudo.

Deméter pediu ajuda a Zeus, pai de Perséfone, mas ele disse que Hades era senhor dos seus domínios.

– Ele que vá para o Tártaro profundo! – gritou a mãe, desesperada.

– Ele já está lá, minha querida. E você deve reassumir as suas funções. A Terra está à míngua!

– Pois vai continuar assim enquanto eu não tiver de volta a minha filha!

Zeus, então, permitiu que ela descesse à mansão dos mortos, mas Perséfone não podia mais retornar, pois havia comido uma romã dos jardins infernais. Mesmo assim, Deméter conseguiu arrancar de Hades a permissão para ter a filha consigo durante metade do ano, permanecendo com o esposo na outra metade.

Desde então, quando Perséfone está na superfície, a natureza viceja, e quando ela retorna aos infernos a Terra fica estéril.

ÉDIPO E A ESFINGE

Certa feita, Laio, rei de Tebas, foi a Delfos pedir desesperadamente a Apolo que ele lhe concedesse um herdeiro. O deus respondeu com uma charada esotérica que queria dizer isto:

– Esqueça. Se tiver um filho, ele o matará.

Laio esqueceu a bobagem de ser pai e voltou feliz para casa. Ao chegar lá, entretanto, recebeu da esposa Jocasta a pior notícia possível: ela estava grávida.

Laio, então, viu-se obrigado a revelar-lhe a profecia e disse que entregaria o bebê a um casal de pastores para que o criassem. Porém, às escondidas, preferiu dar um fim no herdeiro, ordenando ao pastor que abandonasse a criança no mato, à mercê das feras. Mas, no fim das contas, o pastor ficou penalizado e pendurou a criança pelos pés numa árvore, para que os animais não a alcançassem, e logo um casal a adotou, batizando-a com o nome de Édipo (“pés estendidos”).

O jovem cresceu, até que um dia, ao saber da sua origem, saiu desorientado pelo mundo, decidido a saber quem eram seus verdadeiros pais. Porém, quando ia em meio à estrada, teve um desentendimento com o condutor de uma carruagem e o matou.

Esse homem era o seu pai Laio, e assim cumpriu-se a profecia de Apolo.

Fugindo do seu crime, Édipo deparou-se mais adiante com a Esfinge, monstro metade leão, metade mulher, que o impediu de seguir adiante, a menos que ele decifrasse um enigma.

– Decifra-me ou devoro-te! – disse a criatura, com um sorriso mordaz.

Um monte de ossos empilhados ao seu lado dava a certeza de que a criatura não estava brincando. Então, o jovem perguntou qual era o enigma, e a Esfinge lhe disse:

– Qual é a criatura que pela manhã anda com quatro pés, à tarde com dois e à noite com três?

– Ora, é o homem! – disse Édipo, aliviado. – Quando é bebê, anda de quatro, quando fica adulto, anda sob dois pés, e quando envelhece apoia-se a um bordão.

Ao escutar isso, a Esfinge deu um grito de terror e lançou-se ao abismo, e assim teve fim o monstro que aterrorizava as estradas de Tebas.

ORFEU E EURÍDICE

Orfeu era príncipe da Trácia e casou-se com a ninfa Eurídice. Tal como o pai Apolo, ele adorava a música, e seu maior prazer era dedilhar a lira para a esposa. (Orfeu, às vezes, é tido como filho do rei Eagro e da musa Calíope. Seja como for, ele tinha a música no sangue, pois Calíope era a musa da poesia épica.)

Certo dia, Eurídice foi atacada num bosque pelo pastor Aristeu. Ao fugir, ela foi picada por uma cobra e morreu, deixando Orfeu tão desesperado que ele decidiu ir resgatá-la no Hades.

Orfeu levou consigo Hermes, o famoso guia dos mortos, e esse o conduziu até alcançarem as águas geladas do Estige. Esse rio só podia ser atravessado pela barca de Caronte, um velho azedo que adorava dar remadas nas costas dos passageiros que relutavam em embarcar.

– Que o Estige me engula se o tocador de lira tem cara de morto! – disse o velhote ao ver Orfeu.

Hermes disse que Zeus autorizara Orfeu a visitar o Hades, mas Caronte garantiu que a barca afundaria ao levar um vivo. Orfeu, porém, tocou a lira, e a barca flutuou como uma pluma até alcançar a outra margem. A música serviu também para amansar Cérbero, o cão infernal de três cabeças que vigiava a entrada para o reino das sombras.

Orfeu continuou a descer e a tocar a sua lira, de tal forma que a música penetrou no Tártaro, provocando uma pausa nos suplícios: Sísifo deixou de rolar o rochedo, as Danaides de encher seus tonéis, e até mesmo Tântalo pôde dar uma dentada num dos frutos que sempre escapavam das suas mãos.

Enfim, ao ver-se diante do trono de Hades, Orfeu pediu-lhe permissão para levar Eurídice de volta à superfície. Hades, artiloso, estabeleceu a condição de que durante o retorno ele jamais se voltasse para ver a amada – o que, naturalmente, acabou acontecendo.

Orfeu, atarantado, viu Eurídice ser carregada de volta para o abismo e, como verdadeiro campeão da desgraça que foi, só pôde revê-la no dia em que um grupo de bacantes enciumadas o fez em pedaços.

CASTOR E PÓLUX

Castor e Pólux eram irmãos gêmeos, filhos de Leda. Eles nasceram de um ovo que sua mãe colocou (imagina-se) após ter copulado com Zeus, metamorfoseado em cisne.

Castor era filho do rei Tíndaro, e era mortal, enquanto Pólux era filho de Zeus, e imortal. Um dia os dois, já crescidos, praticavam estripulias pela Grécia quando chegaram à cidade de Messena. Ao verem duas belas jovens, decidiram raptá-las, uma das diversões masculinas preferidas da época.

As mocinhas alegaram que eram noivas de dois roceiros, mas os irmãos acharam isso muito tedioso e preferiram dar um pouco de emoção às suas vidas, carregando-as em seus cavalos.

– Que tratem de arrumar outras! – disseram eles, fugindo com as duas beldades.

Mas os noivos queriam aquelas mesmas e logo saíram atrás delas.

– Prepare-se, Castor! A coisa vai ferver! – disse Pólux, e ferveu mesmo, pois logo se viram alcançados pelos noivos, dois brutamontes cujas bocas espumavam de ira.

– Desçam dos cavalos, cães espartanos, e lutem como gregos!

Castor e Pólux, filhos de rei e de um deus, viram-se obrigados a apejar e ir enfrentar os matutos.

– Num minuto liquidamos com estes broncos! – disse Castor, confiante, mas os broncos sabiam manejar uma espada tão bem quanto a enxada, e um deles acertou um golpe fatal em Castor, matando-o.

Os noivos suspenderam as hostilidades em respeito à dor de Pólux, mas logo o instinto brutal de homem da roça incendiou novamente o seu sangue, e eles se lançaram sobre o gêmeo remanescente.

– Idiotas! Eu sou imortal! – disse Pólux, defendendo-se.

Zeus, porém, que a tudo acompanhava do Olimpo, irritou-se tanto contra a ira vingativa dos noivos que, fazendo uso da sua própria, os reduziu a cinzas com um único dos seus raios.

Mesmo assim, Pólux continuou inconformado e, depois de fazer um arranjo com Zeus, conseguiu que ele e o irmão passassem metade do ano vivos na Terra, e a outra metade mortos no Hades.

E foi assim que os chamados Dióscuros dividiram a morte, como haviam dividido a vida.

A CAIXA DE PANDORA

Prometeu, o Titã que roubou o fogo de Zeus para dá-lo aos homens, tinha um irmão chamado Epimeteu. Prometeu não se cansava de alertá-lo de que Zeus poderia voltar a querer se vingar.

– E que tenho eu com as birras de vocês? – disse Epimeteu.

– Idiota! – exclamou Prometeu. – Ele pode querer vingar-se em você, ou na humanidade!

Epimeteu deu de ombros, pois não era à toa que seu nome significava “percepção tardia”.

Enquanto isso, no Olimpo, já estava em marcha uma nova vingança de Zeus. O pai dos deuses mandara Hefestos confeccionar uma mulher biônica para enviar de presente aos irmãos rebeldes. Todos os deuses deram sua contribuição para tornar a criatura irresistível, razão

pela qual ela se chamou Pandora, que quer dizer “bem-dotada” em grego. Zeus, na verdade, ficou tão encantado que, não fossem os olhares irados de sua esposa, a teria tomado para si. Depois, deu uma caixa para a jovem, para que ela a levasse de presente a Epimeteu, pois era para o irmão imprevidente que a beldade seria enviada.

Pandora, porém, sentiu-se meio confusa:

– Mas não sou eu o presente? Um presente levando outro?

– Não pense, menina – disse Zeus. – Faça o que eu disser e fará bem.

Zeus proibiu a garota de abrir a caixa com tanta veemência que conseguiu o que queria, que era deixá-la cheia de curiosidade. Ela partiu e, no mesmo dia, chegou à morada de Epimeteu, que delirou com o presente. Depois, ele a instalou no seu quarto, ocasião que ela aproveitou para ir ver o que a caixa continha. Porém, mal a abriu e uma coleção horrenda de criaturas escapou e se espalhou aos guinchos por todo o mundo. Eram elas: a Fome, a Guerra, a Doença, a Morte e um exército tão inumerável de flagelos que Pandora fechou a caixa outra vez, deixando presa no interior apenas a Esperança.

E este foi o último dos males, pois com a Esperança encerrada na caixa se tornaram intoleráveis todos os demais que a cólera de Zeus espalhara sobre a humanidade.

PERSEU E MEDUSA

Perseu nasceu de uma chuva de ouro que Zeus fez cair sobre a sua mãe Dânae, quando ela fora aprisionada por seu pai, o rei Acrísio. Como de hábito na Grécia antiga, um oráculo anunciara que o rei seria morto por seu neto, e por isso ele prendeu Perseu e a filha num cofre e jogou-os ao mar.

Os dois sobreviveram e foram parar na ilha de Serifo, onde o herói recebeu do rei local a missão de matar Medusa, uma das Górgonas monstruosas. Era uma missão impossível, e por isso mesmo o rei, que era outro patife, encomendou-a ao herói, pois ele queria violentar sem riscos a sua mãe.

As Górgonas eram três, e dessas somente Medusa era mortal. Em compensação, era a mais mortífera, pois tinha o dom de converter em pedra todo aquele que a olhasse nos olhos.

Perseu reuniu os itens mágicos que recebera dos deuses – as sandálias aladas de Hermes, o capacete da invisibilidade de Hades e o escudo de Atena, com o qual deveria mirar o reflexo do rosto da Medusa, sem risco de virar pedra – e partiu para o seu maior desafio.

Ao chegar à entrada da gruta deparou-se com as Greias, três velhas que tinham um único dente e um único olho, que partilhavam entre si. Como de hábito, elas estavam arrancando os cabelos umas das outras para ver qual usaria o dente e o olho, e ele aproveitou para apoderar-se das duas coisas.

– Digam onde fica o covil das Górgonas, ou nunca mais devolverei estas nojeiras! – disse ele.

Apavoradas, elas disseram, e Perseu meteu-se no abismo. Após alguns metros, ele percebeu que era seguido, e ao sentir a criatura bem próxima ergueu o escudo, vendo nele o reflexo da Medusa com sua peruca de serpentes. Num giro veloz, ele cortou-lhe fora a cabeça

e colocou o capacete da invisibilidade, a fim de fugir das outras duas Górgonas, impossíveis de serem mortas.

Perseu levou a cabeça para o rei de Serifo, e fez bom uso dela quando o encontrou tentando violentar sua mãe: após exibi-la, viu o sórdido rei converter-se numa estátua.

EROS E PSIQUÊ

Psiquê era uma princesa tão linda que sua beleza rivalizava com a de Afrodite. Furiosa, a deusa pediu a Eros que fizesse a rival se apaixonar por uma criatura horrenda. Eros, porém, ficou tão atrapalhado ao vê-la que acabou disparando a seta em si mesmo, ficando perdidamente apaixonado.

Um dia, exausto de sofrer, Eros pediu ajuda a Apolo. O deus dos oráculos aceitou e disse ao pai de Psiquê para abandoná-la num rochedo, de onde ela seria levada para o palácio de um monstro invisível.

– Faça isto, ou sua coroa irá rolar pelo esterco – disse o deus.

O rei se submeteu, e Psiquê foi carregada pelo Zéfiro até um lindo castelo, que parecia vazio. De repente, porém, uma voz lhe disse para ir deitar-se no quarto mais belo.

– Deixe-o escuro, como está! – exclamou a voz.

Psiquê deitou-se e a voz introduziu-se debaixo do lençol, dizendo coisas tão sedutoras que ela se rendeu inteira. Apesar disso, Eros permaneceu invisível, e um dia ela, ansiosa para ver alguém, pediu para rever as irmãs. Ao verem as riquezas que não acabavam mais, as duas morderam os lábios de inveja até sangrar e urdiram uma intriga, garantindo a Psiquê que seu marido era um monstro que iria fatiá-la viva.

– Acenda uma vela à noite, e verá que tal é o ogro!

Psiquê fez isso e viu que o esposo era lindo. No mesmo instante tudo desapareceu, e ela viu-se de volta ao castelo capenga do seu pai, com as irmãs a censurá-la:

– Bem feito! Perdeu o marido e as riquezas que não acabavam mais!

Então, às escondidas, pediram ao Zéfiro que as levasse ao castelo encantado. O Zéfiro soprou e elas atiraram-se do alto de um monte, certas de caírem nos seus braços. Mas não havia vento algum e as duas se esborracharam no abismo. Quanto a Psiquê, teve a chance de ser perdoada por Afrodite depois que lhe trouxesse, do Hades, uma caixa de cosméticos. Só que a sua curiosidade foi mais forte outra vez, e ela caiu morta após abri-la. Eros, porém, a chamou de volta à vida, e ambos puderam ficar juntos para sempre.

TESEU E O MINOTAURO

Algumas vezes identificado como filho do rei Egeu, de Atenas, outras como filho de Poseidon, Teseu é um dos maiores heróis gregos. Sua aventura mais famosa começou no dia em que o rei Minos, de Creta, mandou Dédalo construir um labirinto para abrigar o Minotauro, monstro metade homem e metade touro, parido por sua esposa Pasífae. Todos os anos Minos

exigia dos atenienses, como tributo, que lhe mandassem sete rapazes e sete moças a fim de dá-los em alimento ao Minotauro, até o dia em que o rei de Atenas pediu a Teseu que desse um fim no monstro.

Teseu não pensou duas vezes e partiu para Creta junto com os candidatos a alimento da fera. Ao chegar lá, conheceu Ariadne, a filha de Minos, que logo se apaixonou pelo herói. Um dos motivos foi Teseu ter decidido tomar o lugar dos catorze jovens para o sacrifício.

– Enfrentarei sozinho o filho do touro e da rainha! – disse ele ao rei, com alguma mordacidade.

Minos irritou-se com o atrevimento e decidiu puni-lo fazendo justamente o que ele pedira. Mas como Teseu só seria lançado ao labirinto no dia seguinte, Ariadne aproveitou para, às escondidas, dar-lhe um novelo de lã que Dédalo, o construtor do labirinto, lhe fornecera. (Dédalo era ateniense, tal como Teseu.) O herói agradeceu o valioso presente e, na manhã seguinte, ingressou no labirinto.

Teseu avançou com cautela, desfiando o fio do novelo, a fim de poder reencontrar a entrada. Após tropeçar numa multidão de ossos, ele escutou, então, um mugido aterrador. Antes que pudesse entender o que se passava, algo como um aríete arremeteu contra a parede ao seu lado, esfarelado-a, e ele viu-se prisioneiro nos braços do Minotauro. O bafô de carniça do homem-touro quase o fez perder os sentidos, mas ele conseguiu, afinal, reunir forças e enterrar sua adaga na cabeça da fera, que caiu desfalecida. Teseu terminou o serviço varando o coração do monstro, que deu um espirro avermelhado e morreu.

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRACLES (I)

Filho de Zeus e de Alcmena, Hércules (“A glória de Hera”) recebeu seu nome numa tentativa de Zeus de bajular a esposa. Hera, porém, não caiu no conto e vingou-se de Hércules, fazendo com que ele, num acesso de loucura, matasse a esposa e os filhos.

Para limpar-se do crime, Hércules teve de servir o rei Euristeu de Micenas, realizando seus famosos doze trabalhos. O primeiro deles era matar o leão de Nemeia. Depois de ver suas setas pipocarem no couro duríssimo e de esfarelar sua maça na cabeça do felino, Hércules atracou-se com ele num corpo a corpo selvagem. Abrindo-lhe as fauces até elas estalarem, Hércules esfolou-o e passou a vestir-se com sua pele.

O segundo trabalho era derrotar a hidra de Lerna, e nessa missão ele levou consigo seu primo Iolau. No começo ocorreu tudo bem, mas ao cortar a nona cabeça, viu que as outras oito haviam renascido. Então, ordenou ao primo que cauterizasse as feridas, impedindo novos renascimentos, e esse foi o fim da hidra.

O terceiro trabalho era o de furtar a corça de Cerínia, pertencente a Artemis. Teria sido o mais rápido dos seus trabalhos caso a corça não fosse mais arisca que a própria deusa. Mas era, e o herói levou um ano inteiro para conseguir pôr as mãos no bicho.

O quarto trabalho era capturar o javali de Erimanto, o mais horrível de toda a Grécia. Hércules capturou-o com facilidade, pois não se assustava com qualquer coisa, bem ao contrário do rei, que foi meter-se dentro de um tonel de bronze quando o herói lhe entregou a

cabeça morta do monstro.

O quinto trabalho era limpar os estábulos de um porcalhão chamado Áugias. Eles estavam tão imundos que Hércules teve de desviar dois rios para dentro deles a fim de dissolver as montanhas de estrume.

O sexto trabalho foi matar as aves do lago Estínfalo. O prato predileto delas era carne humana, e Hércules flechou-as após espantá-las com o retinir dos címbalos de bronze que Atena lhe dera.

E esses foram seus seis primeiros trabalhos.

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRACLES (II)

O sétimo trabalho que Hércules teve de realizar para o rei Euristeu foi atender a um capricho da sua filha, que ameaçara matar-se caso não lhe dessem o cinto de Hipólita, a rainha das amazonas. Ao enfrentá-la, Hércules viu ruir o mito de que amazonas extirpavam um dos seios para melhor utilizarem os arcos: Hipólita tinha dois seios enormes e disparava setas melhor do que qualquer homem, que não tinha seio nenhum. Graças, porém, à sua própria habilidade, ele conseguiu matar a amazona e entregar o cinto à princesa, que quase se matou de alegria.

O oitavo trabalho foi o de capturar os cavalos de Diomedes, rei da Trácia. Como todos os reis, Diomedes amava cavalos e decidira engrossar a ração dos seus com um guisado de carne humana. Antes de domar os cavalos, Hércules lançou o rei para dentro da estrebaria, e essa foi a última vez que os cavalos comeram sua ração misturada.

O nono trabalho era o de capturar os bois do gigante Gerião. Os bois eram guardados pelo gigante e por um cão que era irmão de Cérbero, o cão infernal de três cabeças. No entanto esse cão tinha apenas duas cabeças, o que permitiu a Hércules pegar uma em cada mão e esmigalhá-las como a dois limões. Gerião, porém, tinha três troncos, três cabeças e seis braços, mas mesmo assim Hércules derrotou-o.

O décimo trabalho foi domar o touro de Creta, que não era um touro qualquer. Hércules, porém, como Teseu e Jasão, em suas aventuras bovinas, também se saiu bem, domando-o à unha.

O décimo primeiro trabalho foi o de furtar uma maçã dourada do jardim das Hespérides. Elas eram filhas de Atlas, e Hércules sugeriu ficar no seu lugar, carregando a Terra nas costas, até que o Titã retornasse com a maçã. Atlas topou, mas ao retornar não quis reassumir o posto. Então, Hércules jurou que voltaria logo depois de entregar a maçã a Euristeu, e o resultado é que Atlas está esperando até hoje.

Finalmente, o último trabalho era o de capturar Cérbero. Hércules desceu até os infernos e arrancou de Hades a permissão para levar o monstro, desde que o devolvesse logo. Cérbero, que ainda não sabia do assassinato do irmão, aceitou, e ambos subiram à superfície, encerrando-se desse modo os doze trabalhos.

DIDO E ENEIAS

Eneias era filho de Vênus (a Afrodite grega) e celebrizou-se por ter escapado de Troia em chamas levando seu pai Anquises nas costas. Vencido e sem pátria, Eneias peregrinou até o Lácio, dando início ali à linhagem de reis e imperadores do poderoso Império Romano.

Outra famosa expatriada foi Dido, filha do rei de Tiro. Expulsa do reino pela ambição de um irmão, ela também errou por tudo até alcançar a região da África que se tornaria, em tempos futuros, Cartago, a cidade rival número um de Roma. Ao chegar ali ela utilizara um expediente engenhoso para obter permissão dos nativos para se estabelecer.

– Quero terra suficiente apenas para ser coberta por um couro de boi.

Apiedados daquela mendiga, os nativos concordaram. Dido, porém, cortou o couro em tiras finíssimas como um fio de cabelo e desenhou com elas um quadrado imenso que engoliu boa parte do território.

Um dia, então, depois que Dido já era rainha, Eneias chegou às praias de Cartago. Ele efetuara uma viagem muito parecida com a do grego Odisseu, e como era protegido de Vênus, a deusa tratou de pedir ao filho Cupido (o Eros grego) que alvejasse o coração da rainha cartaginesa, que teimava em manter-se fiel à memória do esposo morto, o rei Siqueu.

Cupido flechou o coração de Dido e a rainha africana apaixonou-se pelo herói troiano, e tudo teria terminado em casamento caso Júpiter (o Zeus grego) não tivesse decidido que Eneias não poderia ser um rei de empréstimo dos africanos.

– Eneias deve construir um império só para si! – dissera o deus, enviando Mercúrio (o Hermes grego) para dar-lhe essa ordem.

Eneias, obediente, concordou e foi despedir-se de Dido, a quem naturalmente a resolução não agradou:

– Por sua causa traí o voto de fidelidade a Siqueu! Estou desonrada, não vê?

Diante disso, Eneias decidiu fugir às escondidas, mas ao ver que o barco do amado partia para sempre, Dido ergueu uma pira no ponto mais alto da ilha e consumiu nela a sua paixão e a sua própria vida.

O POMO DA DISCÓRDIA

Todos haviam sido convidados para o casamento de Tétis e Peleu, menos a deusa Éris (Discórdia).

– Que casamento poderá dar certo com esta tecelã de intrigas por perto? – dissera Tétis, precavida.

Éris, naturalmente, ficara furiosíssima e decidira honrar de verdade o seu nome, criando uma intriga tal entre os próprios deuses que ela jamais seria esquecida.

As deusas Hera, Afrodite e Atena estavam conversando, sem perceber que a deusa da Discórdia as observava. Sacando das vestes um pomo dourado, ela inscreveu nele, com sua unha adunca, esta inscrição: *À mais bela*, e depois lançou-o aos pés das três deusas. Imediatamente Afrodite juntou-o e soube, no mesmo instante, que o fruto fora arremessado a

ela por algum deus apaixonado. O mesmo pensamento teve Hera, e também a casta Atena imbuíu-se dessa certeza.

Não demorou para o conflito estourar, e as três deusas só não meteram as unhas umas nas outras porque Zeus, observando tudo, chamou às pressas o filho Hermes.

– Conduza aquelas três insensatas até o cume do monte Ida. Lá vive um pastor chamado Páris. Ele é filho do rei Príamo de Troia e será o juiz desta contenda.

As três deusas subiram o monte com muita ansiedade para ver a cara uma das outras quando seu próprio nome fosse declarado o vencedor. Páris, que fora enjeitado pelo pai e criado por pastores sem saber que era filho do rei, pois havia uma profecia que o apontava como responsável pela futura ruína de Troia, recebeu surpreso a incumbência: ele, um reles mortal, arbitrar uma disputa entre os deuses?

Mas era isso mesmo, e o jovem souou muito até encontrar um veredito. Hera e Atena ofereceram-lhe vantagens, mas foi a oferta de Afrodite que decidiu o seu voto: ela lhe daria o amor de Helena, a rainha grega, esposa de Menelau, considerada a mortal mais bela do universo.

E foi assim que Páris, apaixonado pela bela Helena, decidiu raptá-la, dando início àquela que seria a mais famosa guerra que entrou para a mitologia grega: a guerra de Troia.

AQUILES E ESCAMANDRO

Aquiles, filho da nereida Tétis e do rei Peleu, havia chegado às margens do rio Escamandro, que estava próximo da cidade de Troia. Aquiles e os gregos mantinham a cidade sob um ferrenho cerco na tentativa de resgatar a bela Helena, que o troiano Páris raptara, e ele conseguira encurralar uma série de troianos às margens do rio, matando-os com sua lança. Tudo parecia ir bem quando, de repente, a água começou a borbulhar e um velho de barbas sujas de sangue ergueu-se do leito do rio, brandindo o punho para Aquiles.

– Basta de turvar minhas águas com o produto da sua ira, filho de Peleu! – gritou o velho.

Aquiles, porém, afirmou que continuaria a lançar os corpos dos troianos naquele rio, como se fosse um cemitério marinho.

– Pois já que gosta tanto de ira, provará agora da minha! – urrou o velho.

No mesmo instante um turbilhão se formou e uma onda gigantesca, feita de toda a água do Escamandro, ergueu-se, obrigando Aquiles a subir uma elevação para escapar à morte. Erguendo a voz para o Olimpo, o herói clamou, então, pelo auxílio do pai dos deuses, alegando que aquela não era a hora nem o modo mais digno de o maior dos gregos perecer.

Zeus permaneceu insensível, pois estava do lado dos troianos. Hera, contudo, estava ao lado dos gregos, e ordenou ao filho Hefestos que fizesse frente à ira de Escamandro. Imediatamente, uma coluna de fogo surgiu dos céus e chocou-se contra a coluna d'água, impedindo que as águas do rio sepultassem o filho de Tétis. Logo, o velho ressurgiu das águas que borbulhavam. Seu aspecto era o de um salmão a emergir de um caldeirão em ebulição, e sua voz proclamava um grito rouco de rendição.

Hera ordenou, então, a Hefestos que cessasse fogo, e Aquiles, liberto outra vez, pôde

correr novamente até as muralhas de Troia para ir buscar a morte gloriosa que ele tanto queria.

A MORTE DE AQUILES

Ainda não era o fim, mas já estava próxima a queda de Troia. Aquiles, herói supremo dos aqueus, já havia matado Heitor e uma série de outros troianos. Apesar disso, permanecia colérico, como se a cólera humana estivesse dispensada pelos deuses de ter um limite. Mas havia um limite, e o filho de Tétis o quebrara ao cometer o ato insano de arrastar o corpo de Heitor, o maior dos troianos, amarrado à sua quadriga, ao redor das muralhas da cidadela inimiga.

Páris, o causador da guerra, acompanhava do alto das muralhas a sanha vingativa de Aquiles.

– Se esse homem continuar guerreando, Troia ruirá – disse ele ao pai, o rei Príamo. – É preciso que este homem-fera seja abatido, ou seremos todos passados ao fio de sua espada.

Ao ver Aquiles aproximar-se dos portões da cidadela, Páris lançou-lhe este grito, inspirado por Apolo, o deus de certeiras flechas que, a exemplo de Zeus, pugnava pelos troianos:

– Basta, filho de Peleu! Já lhe foi dito por um vaticínio verdadeiro que jamais entrará vivo por estes portões! Por que teima em algo que lhe trará a morte certa?

Aquiles respondeu com sua habitual ferocidade, o que obrigou Apolo a decretar o fim do herói. Após tomar uma de suas flechas, estendeu-a a Páris para que esse tivesse a honra de matar o maior dos aqueus.

– Vingue a morte e a profanação que seu irmão, Heitor, sofreu às mãos deste celerado – disse o deus.

Páris tomou a seta divina e enganchou-a ao próprio arco, fazendo pontaria.

– Mire no calcanhar, pois Aquiles tem ali o seu único ponto vulnerável – advertiu Apolo.

As duas extremidades do arco quase se tocaram antes que Páris liberasse a seta. Com um assovio estridente, ela varou os ares até alcançar o calcanhar de Aquiles. Ao ver a seta enterrada no seu ponto fraco, o maior dos gregos compreendeu que era o seu fim e, com a vista nublada, ainda conseguiu avançar até apoiar-se nas portas de Troia e lançar sua derradeira maldição à cidade cujos muros jamais transporia.

A QUEDA DE TROIA

Após dez anos de uma guerra longa e selvagem, Helena, raptada aos gregos por Páris, estava prestes a ser resgatada pelos gregos. A maioria dos guerreiros de renome já havia perecido, dentre eles os heróis supremos das duas hostes rivais: o grego Aquiles e o troiano Heitor.

Um herói grego, porém, permanecia a combater: o astuto Odisseu (chamado também de

Ulisses). Os gregos, comandados por Agamenon, já pensavam em abandonar o cerco quando Odisseu, ao escutar o relincho de um cavalo, tivera uma ideia brilhante.

Imediatamente ele mandou chamar Epeus, o maior construtor grego que estava no acampamento dos sitiados, e encarregou-o de construir um cavalo côncavo de madeira.

– Encheremos o animal de soldados escondidos – disse Odisseu – e o ofereceremos aos troianos como um presente de reconciliação, antes de simularmos nossa partida.

No comando de um pequeno exército de marceneiros, Epeus trabalhou vários dias, até conseguir concluir o cavalo. Os gregos, então, fingiram ter partido, rumando os barcos para um atol escondido das vistas dos troianos sitiados, deixando apenas diante das portas de Troia o presente espetacular.

– Os gregos malditos fugiram! – gritou ao rei um dos comandantes. – Deixaram um cavalo imenso de madeira, que a deusa Atena ordenou que fosse oferecido aos troianos!

Assim, num último ato de insensatez, Príamo, rei de Troia, permitiu que o cavalo franqueasse os portões da sua cidade, levando consigo cerca de quinhentos guerreiros gregos armados até os dentes.

Durante o dia todo houve festejos, e quando a noite caiu o cavalo foi deixado a sós na praça central com meia dúzia de sentinelas troianas embriagadas. Era o momento perfeito para que o astuto Odisseu ordenasse o desembarque silencioso dos homens. Os guerreiros desceram e, depois de abrirem os portões, permitiram o ingresso dos demais companheiros que haviam retornado até os muros.

E assim começou o massacre que terminou com a queda definitiva de Troia.

ULISSES E POLIFEMO

A guerra de Troia acabara. Odisseu, também dito Ulisses, saíra-se vitorioso, junto com um punhado de gregos. Agora era hora de retornar a Ítaca, onde o esperava a esposa Penélope e o filho Telêmaco.

Após navegarem por várias semanas, Odisseu e seus homens chegaram à perigosa ilha dos Ciclopes.

– Teremos de desembarcar – dissera Odisseu. – Estamos sem água e provisões.

Polifemo estava pastoreando ovelhas, e Odisseu decidiu meter-se com seus homens no covil do Ciclope. Serviram-se todos do leite e do queijo que encontraram, até o momento em que o dono da caverna retornou. Então, correram a se esconder, enquanto Polifemo entrava junto com suas ovelhas. Como todos os da sua raça, ele tinha uma altura prodigiosa e um único olho encravado no meio da testa, e a primeira coisa que fez ao entrar foi cerrar a entrada do covil com um pedregulho imenso.

A segunda coisa que ele fez – e a primeira realmente impactante – foi devorar dois dos marinheiros, após descobri-los escondidos. Logo em seguida, deitou-se para dormir, sem se importar com o restante.

Só restou a Odisseu arquitetar a sua fuga: enquanto o monstro dormia, ele e os demais pegaram o bordão que o ciclope usava para pastorear as ovelhas e, depois de afiarem bem a

sua ponta, enfiaram-na no seu único olho, cegando-o. Um urro colossal atroou o covil, e no restante da noite o monstro tentou, em vão, encontrar os agressores. Mas, como era uma criatura muito ciosa dos seus deveres, nem bem amanheceu, foi cumprir mais uma vez com a sua rotina de liberar os carneiros para o pasto. Após arrastar o pedregulho, ficou postado como uma sentinela, e a cada ovelha que passava ele a alisava para ver se eram realmente os animais, e não os pérfidos agressores. O que ele não viu – pois não podia mais ver – é que Odisseu e os demais tinham se agarrado ao ventre das ovelhas, sendo conduzidos para fora em segurança.

E foi assim que Odisseu escapou à ira do mais famoso dos Ciclopes.

ODISSEU E AS SEREIAS

Ao retornar para sua cidade natal, Ítaca, Odisseu (também dito Ulisses) enfrentou diversas peripécias, das quais o encontro com as sereias foi um dos mais memoráveis.

O filho de Laertes tinha deixado recentemente a ilha onde vivia Circe, a feiticeira que convertera os marinheiros de Odisseu em porcos. Antes de deixar a ilha, porém, ele a amansara, fazendo com que restituísse aos homens a sua antiga forma humana. Circe advertira, ainda, o herói dos perigos que o aguardavam nos rochedos onde viviam as sereias.

Odisseu agradeceu e partiu, navegando vários dias até que um mormaço súbito aquietou as ondas. Odisseu compreendeu que era hora de fazer o que Circe lhe prescrevera.

– Depressa, amarrem-me ao mastro – disse ele aos marujos – e tapem com cera os meus ouvidos!

Os marinheiros começaram a remar e logo avistaram alguns rochedos cobertos de ossos. Ao mesmo tempo, viram despencar do alto as sereias, metade ave e metade mulher (as sereias gregas não tinham nada de peixe). Seus rostos eram belos como os de Afrodite, e no lugar dos braços tinham duas asas. Mas o que mais impressionava era o canto hipnótico que saía de suas bocas sensuais. Odisseu, amarrado ao mastro, mas sem a cera nos ouvidos, escutou o canto e, enlouquecido de desejo, clamou aos marujos que o desamarrassem. Esses, contudo, de orelhas vedadas, continuaram a remar, imperturbáveis.

Aos poucos o barco foi se afastando dos rochedos, enquanto as criaturas aladas, em desespero, se lançavam para a morte nas águas agora revoltas do mar. Tão logo seus corpos tombavam sobre a água, iam adquirindo nova conformação, as alvas penas se transformando em negros rochedos.

Diante do promontório de Lucânia, desde então, estão localizadas as rochas Sirenas, formadas pelos ossos de antigas e belas sereias, mas que ainda hoje parecem dizer àqueles que cruzam suas águas:

– Cuidado, pois mesmo as pedras escondem um desejo!

GREGOS --- ROMANOS

Afrodite --- Vênus

Ares --- Marte

Artemis --- Diana

Asclépio --- Esculápio

Atena --- Minerva

Cronos --- Saturno

Deméter --- Ceres

Dionísio --- Baco

Eros --- Cupido

Gaia --- Terra

Hades --- Plutão

Hefestos --- Vulcano

Hera --- Juno

Héracles --- Hércules

Hermes --- Mercúrio

Héstia --- Vesta

Leto --- Latona

Perséfone --- Prosérpina

Poseidon --- Netuno

Reia --- Cibele

Selene --- Lua

Urano --- Céu

Zeus --- Júpiter

Texto de acordo com a nova ortografia.

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Ilustração: pintura de Gustave Moreau (1826-1898), *Édipo e a Esfinge*, óleo sobre tela, 1864. (Metropolitan Museum of Art, Nova York)

Revisão: Fernanda Lisbôa e Caren Capaverde

Cip-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ
F89g

Franchini, A.S. (Ademilson S.), 1964-

As grandes histórias da mitologia greco-romana / A. S. Franchini. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

(Coleção L&PM POCKET; v. 1043)

ISBN 978.85.254.2672-7

1. Mitologia - Ficção. 2. Ficção brasileira. I. Título. II. Série.
12-1109.CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

© A.S. Franchini, 2012

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225-5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br